

GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE BISSEXUALIDADE



TrôpeGO

POR
JESS CARVALHO

BELO HORIZONTE
2025

FICHA TÉCNICA

PESQUISA E REDAÇÃO:

JESS CARVALHO

ORIENTAÇÃO:

GRAZIELA SOARES BIANCHI

REVISÃO CRÍTICA:

ELI ROSA

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

ARTE FINAL:

ALINE KUBRAK

COLABORAÇÃO:

ANA PAULA MENDES

DANI VAS

FERNANDA COELHO

INÁCIO SALDANHA

LETÍCIA LUJAN

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

APOIO:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Jess

Guia de boas práticas para cobertura jornalísticas sobre bissexualidade [livro eletrônico] / Jess Carvalho. – Belo Horizonte, MG : Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência : Trôpego, 2025. PDF

ISBN 978-65-987368-0-4

1. Bissexualidade. 2. Jornalismo. 3. Interseccionalidade. 4. Preconceitos. 5. Subjetividade. I. Título.

25-274006

CDD-070

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo 070

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

APRESENTAÇÃO



Bandeira bissexual.
Imagem: Istock

ESPERANÇAR UMA PRÁTICA JORNALÍSTICA QUE RECONHEÇA AS EXISTÊNCIAS BISSEXUAIS EM SUA PLURALIDADE ME TROUXE ATÉ AQUI.

O meu nome é **Jess Carvalho**, sou bissexual, jornalista e pesquisadora.

Este guia é o resultado da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde fui generosamente orientada pela professora doutora Graziela Soares Bianchi. Nele estão reunidas boas práticas para um jornalismo anti-bifobia, mapeadas a partir de entrevistas semiestruturadas com pessoas ativistas e pesquisadoras que constroem o movimento bissexual brasileiro na contemporaneidade. São elas: Vitória Régia da Silva (FBB e Gênero e Número), Ana Paula Mendes (FBB e ComBI), Fernanda Coelho (FBB e Coletivo BIL), Dani Vas (Bi-Sides), Letícia Lujan (FBB) e Inácio Saldanha (FBB e REBIM).

Participar do I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro e do II Seminário Nacional de Estudos Bissexuais me aproximou de uma coletividade bissexual crítica e engajada que ampliou os meus horizontes enquanto pesquisadora da bissexualidade. Portanto, agradeço à Frente Bissexual Brasileira (FBB) e à Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM), que me abriram as portas para o diálogo. Também agradeço às jornalistas e pesquisadoras Fabiana Moraes e Márcia Veiga, que me inspiraram a pensar caminhos para uma prática jornalística insurgente, que humanize pessoas bissexuais.

O meu desejo é que este guia sensibilize pessoas comunicadoras e jornalistas. Boa leitura!

COMBATENDO AS FAKE NEWS SOBRE BISSEXUALIDADE

FALSO

“Para ser bissexual, a pessoa tem que gostar de homens e mulheres”

VERDADEIRO

A bissexualidade não é binária. Pessoas bissexuais podem sentir atração afetiva e/ou sexual por homens, mulheres, pessoas não binárias etc.

FALSO

“O Dia da Visibilidade Bi é uma homenagem ao Freud”

VERDADEIRO

Nos Estados Unidos, o 23 de setembro é lembrado como Dia da Visibilidade Bissexual desde 1999, em referência ao aniversário da ativista bissexual Gigi Raven Wilbur. Já o Dia Nacional do Orgulho Bissexual Brasileiro é celebrado em 26 de setembro, em referência à primeira edição do Festival Bi+, realizada em 2020.

FALSO

“Ser bissexual é coisa da moda, depois passa”

VERDADEIRO

A bissexualidade é documentada desde a antiguidade. Não é uma fase.

FALSO

“A bissexualidade é transfóbica”

VERDADEIRO

O movimento bissexual é aliado do movimento trans. Pessoas trans podem ser bissexuais. Pessoas bi podem sentir atração afetivo-sexual por pessoas cis, trans, não binárias, entre outras.

COMBATENDO AS FAKE NEWS SOBRE BISSEXUALIDADE

Você já tinha ouvido alguma das fake news listadas na página anterior? Elas costumam ser repetidas de maneira supostamente inocente, mas colaboram para a invisibilização da população bissexual, que reivindica o direito de contar a própria história. Nos Estados Unidos, a comunidade bissexual começou a se organizar politicamente em meados de 1970. No Brasil, o movimento bissexual nasceu na década de 1990, e os estudos sobre bissexualidade chegaram às universidades a partir dos anos 2000. Ativistas e pessoas pesquisadoras dialogaram e repensaram a bissexualidade muitas vezes nas últimas décadas, mas consagraram alguns consensos.

Entre eles, o de que a bissexualidade não deve ser encarada como uma identidade sexual intrinsecamente binária.

Em 2009, a ativista bissexual norte-americana Robyn Ochs descreveu a bissexualidade como o potencial de sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas de mais de um gênero, “não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente do mesmo jeito, e não necessariamente no mesmo grau”.

Isso significa que não existe uma narrativa única para a bissexualidade.

**HÁ MUITOS JEITOS DE
SER BISSEXUAL.**

POR QUE CABE AO JORNALISMO NOMEAR A BIFOBIA?

Outra fake news bastante popular é a de que a bifobia não existe, uma afirmação que por si só é bifóbica, porque deslegitima uma série de violências reais.

A Frente Bissexual Brasileira define a bifobia como “opressão social que tem como alvo a não monossexualidade”, ou seja, pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de mais de um gênero, diferente do que ocorre com héteros, lésbicas e gays.

Termos como “homofobia” e “lesbofobia” não definem a complexidade das violências praticadas contra a população bi.

Pessoas bissexuais são frequentemente discriminadas e têm seu desejo invalidado, como se estivessem em dúvida. Os índices de danos em saúde mental e uso abusivo de álcool e drogas são preocupantes entre essa população, que muitas vezes não encontra acolhimento nos consultórios psicológicos e médicos, tornando-se alvo de correção. Há décadas essas pessoas são rotuladas como promíscuas e vetores de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Isso tudo sem falar na incidência de violências como o estupro “corretivo” entre mulheres bi, sobretudo as negras.

POR QUE CABE AO JORNALISMO NOMEAR A BIFOBIA?

Nas Escolas de Comunicação, aprendemos que o jornalismo deve ser objetivo, mas raramente nos convidam a refletir sobre as subjetividades que permeiam o nosso campo. Fabiana Moraes nos ensina que “este jornalismo, que sempre se apresentou como acima das paixões, desinteressado e neutro, faz parte de um projeto bem realizado e articulado, responsável pela estigmatização de pessoas e grupos e, consequentemente, por seus apagamentos”.

Este é um convite para assumirmos a dimensão subjetiva do jornalismo, sem descartar a objetividade que guia uma boa apuração, com fontes qualificadas e checagem responsável, mas entendendo que o jornalismo tem papel social e as escolhas que fazemos reverberam no dia a dia das pessoas.

UMA DAS MANEIRAS DE FAZER UM JORNALISMO ANTI-BIFOBIA CONSISTE EM NOMEAR A BIFOBIA.

É preciso escancará-la até que ela não seja mais normalizada.

É preciso contar às pessoas que a comunidade bissexual também é discriminada e carece de políticas públicas de saúde, educação e segurança pública.

É preciso usar o jornalismo como ferramenta de transformação social, agindo para que a bifobia seja vista, discutida e problematizada até que sejam criados mecanismos para combatê-la.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

AMPLIE AS NARRATIVAS SOBRE BISSEXUALIDADE

“Como vivem as pessoas bissexuais? Com quem se relacionam? Ser bissexual está na moda?”. Entre 2022 e 2023, fizemos uma pesquisa exploratória, por meio do buscador principal do Google, mapeando conteúdos jornalísticos a respeito da bissexualidade – e 43% partiam de uma abordagem explicativa e exotificante, enquanto temas como educação, saúde e segurança pública não foram abordados. Precisamos ampliar as narrativas sobre bissexualidade para além da dor, da hiperssexualização ou da novidade.

TRACE CONTRAPONTO, BUSQUE PLURALIDADE

Pessoas bissexuais estão na política, exercem a parentalidade e não são apenas cisgêneras. Elas são negras, indígenas, gordas, neurodivergentes, vivendo com HIV/aids em todos os cantos do Brasil e do mundo. Elas são tão plurais que não existe uma narrativa única que as contemple. Diversifique suas fontes, lance um olhar interseccional para a sua prática profissional e ofereça representatividade. Inclusive, sempre que possível, convide pessoas bissexuais para falarem de outras coisas que não somente a bissexualidade.

BISSEXUALIDADE NÃO É DIAGNÓSTICO

Um erro comum é presumir a orientação sexual de uma pessoa a partir das relações que ela mantém. Não basta apresentar certos “sintomas”, como se relacionar com homens e mulheres, para ser reconhecido como bissexual, porque bissexualidade não é diagnóstico. Inclusive, a legislação brasileira reconhece a autodeterminação sexual e de gênero como direito fundamental de todo cidadão. Se você faz coberturas de sexualidade e gênero, este deve ser o seu mantra: nunca presumir, sempre perguntar.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

NÃO RELACIONE A BISSEXUALIDADE A UM ARMÁRIO

Outro problema de presumir a orientação sexual de alguém, é correr o risco de desrespeitar o processo pessoal da pessoa e ainda deixá-la exposta à bifobia. Para além de perguntar sobre a autodeclaração sexual de sua fonte, pergunte se ela gostaria que essa informação se tornasse pública.

RELAÇÕES E DEMONSTRAÇÕES DE AFETO NÃO TÊM ORIENTAÇÃO SEXUAL

“Beijo gay” e “maternidade lésbica” são alguns dos termos tensionados pelo movimento bi, porque colaboram para o apagamento bissexual, já que relações e demonstrações de afeto raramente são classificadas como bissexuais, ainda que as pessoas envolvidas se autodeclarem bissexuais. Você pode substituí-los por termos mais inclusivos como “beijo entre dois homens” e “dupla maternidade”.

NOMEIE A BISSEXUALIDADE

Como dito anteriormente, as pessoas bissexuais são frequentemente tratadas como lésbicas e gays. Um exemplo clássico dessa dinâmica são as reportagens que se referem à ex-vereadora Marielle Franco, que foi cruelmente assassinada em 2018, como uma mulher lésbica, embora ela tenha se autodeterminado bissexual diversas vezes em vida. Nomear a bissexualidade é um ato político contra o apagamento de pessoas bi.

FALE DE BISSEXUALIDADE O ANO TODO

Falar de bissexualidade em setembro, o Mês da Visibilidade Bi, é importante e afirmativo, mas essa população tem demandas e deve ser vista o ano todo.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

DIVULGUE AS CONQUISTAS DO MOVIMENTO BISSEXUAL

Você já conhece a resolução nº 8 de 2022 do Conselho Federal de Psicologia? Ela estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. É uma das conquistas do movimento bissexual, visando combater a violência bifóbica nos consultórios, mas foi pouco divulgada pela imprensa – como esta, existem muitas outras pautas relevantes que podem ser abordadas pelo jornalismo.

NÃO DISSEMINE ESTIGMAS

Retratar experiências em dissidência da norma demanda muita responsabilidade e prática reflexiva para desnaturalizar os preconceitos que absorvemos ao longo da vida. Todas as pessoas estão sujeitas à dúvida sobre sua orientação sexual, inclusive as bissexuais, e isso não faz da bissexualidade uma orientação sexual duvidosa. Também não é verdade que pessoas bissexuais são mais promíscuas que as demais, mas é importante se perguntar a quem interessa minar nossa liberdade sexual.

AS IMAGENS TAMBÉM FALAM

Uma fotografia comunica tanto quanto um texto, portanto, escolha a dedo as imagens que serão utilizadas para ilustrar o seu conteúdo. Evite atrelar a bissexualidade a uma ideia de binariedade, reforçando contrapontos entre rosa e azul, homens e mulheres, feminino e masculino. Em vez disso, você pode colaborar para tornar os símbolos da luta bissexual, como a bandeira bi, conhecidos.



COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

OUÇA PESSOAS PESQUISADORAS DA BISSEXUALIDADE

Nem toda pessoa heterossexual é especialista em heterossexualidade. O mesmo vale para a bissexualidade. Caso você precise de uma fonte que traga conteúdo qualificado sobre bissexualidade para a sua reportagem, ouça uma pessoa pesquisadora.

OUÇA O MOVIMENTO BISSEXUAL ORGANIZADO

A experiência de uma única pessoa bissexual não deve servir de parâmetro para todas. A bissexualidade é uma identidade sexual diversa, e uma das formas de retratar essa coletividade é buscar o posicionamento do movimento bissexual organizado, feito de pessoas que estão em constante diálogo e lutam pela causa.

EVITE ACHISMOS, SUSTENTE SUAS ANÁLISES

A checagem é uma etapa fundamental da produção de qualquer conteúdo jornalístico, e nas coberturas sobre bissexualidade, não deve ser diferente. Não replique informações como se estivessem dadas, sem consultar fontes qualificadas. Até mesmo os dados podem ser interpretados de maneira equivocada quando não exercitamos a prática reflexiva. Esteja sempre à disposição para ouvir quem sabe mais.



COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

BUSQUE RETRATAR O CONTEXTO BRASILEIRO

Vai divulgar estudos internacionais sobre bissexualidade? Não deixe de olhar para a realidade brasileira, que tem suas peculiaridades. Ao tratar de uma pesquisa produzida fora do país, busque contraponto entre pessoas pesquisadoras brasileiras.

LEMBRE-SE: LGBTFOBIA É CRIME NO BRASIL

O Supremo Tribunal Federal já equiparou a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero aos crimes de racismo e injúria racial. Em outras palavras, LGBTfobia é crime – e isso inclui a bifobia. Tenha responsabilidade.

SEM FOGO AMIGO

O movimento bissexual quer participar das discussões e se sentir ouvido pela comunidade LGBTI+, e historicamente reivindica esse espaço que é seu por direito, mas não é de seu interesse construir uma narrativa de rivalidade.

SEMPRE QUE POSSÍVEL, SEJA ACESSÍVEL

Queremos democratizar a informação qualificada sobre bissexualidade. Termos acadêmicos ou em outros idiomas podem oferecer barreiras na compreensão de uma mensagem, por isso devem ser explicados ou substituídos por termos mais acessíveis.

EXEMPLOS PRÁTICOS



SER BISSEXUAL É UMA TENDÊNCIA PARA O FUTURO?

POR QUE MAIS PESSOAS ESTÃO DIZENDO QUE SÃO BISSEXUAIS?

Em vez de apontar a bissexualidade como um modismo, podemos perguntar a fontes especializadas por que as pessoas estão se sentindo mais confortáveis para falar abertamente de sua identidade sexual e de que forma isso impacta a população bi.



BISSEXUAIS USAM CANNABIS COM MAIS FREQUÊNCIA PARA LIDAR COM ADVERSIDADES, DIZ ESTUDO

ESTUDO SUGERE QUE BISSEXUAIS USAM MACONHA COM MAIS FREQUÊNCIA PARA LIDAR COM A BIFOBIA

O uso recreativo de maconha (termo popular) ainda é ilegal no Brasil, portanto, devemos tomar muito cuidado ao relacionar a população bi ao uso da substância, sob o risco de expor pessoas bissexuais à estigmatização e à criminalização. Uma maneira mais responsável e crítica de noticiar o estudo em questão é nomear o problema que aproxima a população bi do uso abusivo de drogas: o sofrimento causado pela bifobia.



BISSEXUAIS NAMORAM MENOS PESSOAS DO MESMO GÊNERO DO QUE OUTROS LGBT+, APONTA PESQUISA

PRECONCEITO AFASTA BISSEXUAIS DE RELAÇÕES COM PESSOAS DO MESMO GÊNERO, APONTA PESQUISA

Se os dados de uma pesquisa apontam que pessoas bissexuais se relacionam menos com pessoas do mesmo gênero, a prática reflexiva sugere perguntar a especialistas e pessoas bissexuais o porquê. Pessoas bissexuais não são monossexuais, portanto, logicamente namoram menos pessoas do mesmo gênero do que gays e lésbicas. (A transgeneridade engloba expressões de gênero e compõe outra categoria de análise). Este é um exemplo de como um dado aparentemente objetivo pode ser instrumentalizado para reforçar estigmas como o de que pessoas bi não assumem compromissos com pessoas do mesmo gênero, o que não passa de preconceito.

CHECKLIST DE BOLSO

E AÍ, BORA PARA FAZER UMA COBERTURA ANTI-BIFOBIA? A GENTE SABE QUE O DIA A DIA É PUXADO, E PARA TE AJUDAR A MAPEAR POSSÍVEIS GAFES ANTES DE PUBLICAR O SEU CONTEÚDO SOBRE BISSEXUALIDADE, CRIAMOS UMA CHECKLIST.

5 PERGUNTAS-CHAVE:

- ☐ Estou pressupondo a orientação sexual de alguém?
- ☐ Estou ouvindo especialistas em bissexualidade?
- ☐ Estou dialogando com o movimento bissexual organizado?
- ☐ Estou apostando em termos acessíveis?
- ☐ Estou disseminando estigmas e preconceitos?

IDENTIDADE SEXUAL

“Se compreende por identidade sexual a maneira como uma pessoa compreende a si mesma em termos de por qual gênero se é sexualmente e romanticamente atraída” (FREITAS, 2022).

IDENTIDADE DE GÊNERO

“Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode concordar ou não com o gênero atribuído em seu nascimento. Difere da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas trans podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, da mesma forma que pessoas cisgênero” (JESUS, 2012).

CISGÊNERO

“Termo utilizado para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). ‘Cis’ é um prefixo em latim que significa “no mesmo lado que” e, portanto, é oposto de “trans” (GLAAD, 2016). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer (GLAAD, 2016 apud Manual de comunicação LGBTI+, 2021).

TRANSGÊNERO

“Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento” (Manual de comunicação LGBTI+, 2021). Entenda-se “sexo” por “sexo biológico/genital”.

BISSEXUALIDADE

“Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva” (Frente Bissexual Brasileira).

NORMATIVIDADE

“Padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente constituídos, funda as normas que regem os comportamentos e relações sociais” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 16).

GLOSSÁRIO DE BOLSO

BIFOBIA

“Opressão social que tem como alvo a não monossexualidade”, ou seja, pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de mais de um gênero, diferente do que ocorre com héteros, lésbicas e gays (Frente Bissexual Brasileira).

DISSIDÊNCIA

“As identidades dissidentes dizem respeito àquelas cuja identificação de gênero e/ou orientação sexual fogem ao que é tido socialmente enquanto norma: a cisgeneridade (se identificar com o gênero dado ao nascimento, baseado no sexo biológico/genital), a heterossexualidade (sentir-se atraído/relacionar-se afetiva e sexualmente com pessoas do gênero oposto) e a monossexualidade (relação afetiva/ sexual por apenas um gênero/sexo)” (BORTOLOZZI E CARVALHO, 2020).

MONOSSEXUAL

“O termo monossexualidade é usado para se referir a sexualidade das pessoas que sentem atração por apenas um sexo e/ou gênero e a não monossexualidade, por sua vez, indica a sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um sexo e/ou gênero” (ROSS, DOBINSON, & EADY, 2010 apud JAEGER, LONGHINI, OLIVEIRA e TONELI, 2019).

MONOSSEXISMO

“O monossexismo é pensado, de acordo com Shiri Eisner (2013), como uma estrutura social que presume que todas as pessoas sejam monossexuais e que trata como desvio as demais modulações da sexualidade” (EISNER, 2013 apud JAEGER, LONGHINI, OLIVEIRA e TONELI, 2019).

MONODISSIDÊNCIA

“Pessoas que se atraem física e/ou afetivamente por mais de um gênero” (Frente Bissexual Brasileira).

SUGESTÕES DE FONTES

Quer falar sobre a experiência de pessoas bissexuais e/ou sobre os marcos da luta bissexual no Brasil?

Escreva para a **Frente Bissexual Brasileira:**

frentebissexualbrasileira@gmail.com

Quer falar com uma pessoa pesquisadora da bissexualidade? Escreva para a **Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência:**
[rede.rebim@gmail.com](mailto:rederebim@gmail.com)

REFERÊNCIAS

BORTOLOZZI, A. C.; CARVALHO, L. R. S. Leituras sobre a sexualidade em filmes: identidades dissidentes e opressões. Volume 07. Pedro e João Editores. 2020.

CARVALHO, J. D. Bissexualidade em pauta: caminhos para práticas jornalísticas monodissidentes. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2024.

FREITAS, L. R. T. A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia. Cadernos Pagu, 2022.

JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M. de; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. Revista Periódicus, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero, conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgênero, para formadores de opinião. 2ª Edição. Brasília, 2012.

REFERÊNCIAS

Manual de comunicação LGBTI+. ALIANÇA NACIONAL LGBTI+; GAY LATINO. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

MORAES, F. A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1ª edição. Arquipélago, Porto Alegre, 2022.

OBOZA, M. C. Our Fence with Wendy Curry. 2023. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180224011818/http://www.binetusa.org/regional/chicago/Chicago_Bi_Newsletter_CBD2013.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2024.

Quem Somos . FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/quem-somos>. Acesso em: 5 de abril de 2024

SHAW, J. InvisiBilidade: Cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. 1ª edição. Cultrix, 2023.

VEIGA DA SILVA, M. Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.